

BJIR

Brazilian Journal of
International Relations

Edição Quadrimestral | volume 2 | edição nº 1 | 2013

*Desmistificando Historicamente o
Discurso Norte-americano*

Rodrigo Duarte Fernandes dos
Passos

 **Igepri**
Instituto de Gestão Pública e
Relações Internacionais

 **unesp**
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"

A Brazilian Journal of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),
EBSCO Publishing e Latindex

Desmistificando Historicamente o Discurso Norte-americano

Resenha de: LOSURDO, Domenico. *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*, tradução de Jaime A. Clasen. São Paulo: Boitempo, 2010.

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos¹

A erudição e a pesquisa documental de Domenico Losurdo são uma marca tradicional de seus livros. *A linguagem do império* não é diferente. Uma farta e gigantesca gama de referências detalhadas ilustram os argumentos do professor italiano, colocando em xeque vários lugares comuns consolidados ao longo do século XX e pela emergência da nova conjuntura pós-11 de setembro e que surgem na forma do discurso das diversas fontes de defesa da postura norte-americana.

No tocante a esta última, a mídia se fartou de caracterizar o terrorismo de forma unilateral e maniqueísta numa perspectiva de um certo ineditismo histórico de algumas posturas e posições terroristas, com o suicídio incluso. Argumentos como este são os alvos de Losurdo ao longo de seu livro.

Inúmeros interessantes pontos são abordados pelo professor da Universidade de Urbino, aquém das possibilidades físicas e de espaço desta resenha. Em sendo assim, concentrar-me-ei nos seguintes assuntos, objetos deste interessante livro: a) a ausência de ineditismo histórico das atividades relacionadas ao terrorismo do pós-11 de setembro; b) a recorrência de atividades tais como aquelas do terrorismo do século XXI a tempos mais remotos; c) a ausência de posturas benévolas e “civilizadas” por distintos Estados e povos nos processos históricos que antecedem o 11 de setembro de 2001; d) a construção arbitrária e ideológica de inimigos do Ocidente e o “embranquecimento” e “ocidentalização” de setores do Oriente antes considerados nocivos ao Ocidente ou mesmo similares aos negros e índios e;

¹ Professor de Teoria das Relações Internacionais do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e do Programa de Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais, *campus* de Marília. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pesquisador e coordenador do grupo “Marxismo e Pensamento Político” do Centro de Estudos Marxistas desta mesma universidade.

e) as reflexões de Losurdo sobre terrorismo, antiamericanismo, antisemitismo, antissionismo e filoislamismo.

Evidentemente que as atividades terroristas e suicidas não foram inauguradas na conjuntura referente à explosão das torres gêmeas. Porém, o seu enquadramento como algo digno de mentes insanas e fanáticas características do islã não é exatamente um fato plausível. O terrorismo e o suicídio são apresentados em distintas variantes históricas como atos de resistências comuns a diferentes povos e tradições como judeus, cristãos, índios, negros, africanos, irlandeses, escravos, dentre outros povos colonizados e vítimas de ocupação militar, sem maniqueísmos típicos do discurso imperial estadunidense na nova conjuntura internacional que se presencia.

A despeito de longo, é representativo e sumário do argumento de Losurdo o trecho abaixo, que faz inclusive menção à filósofa judaico-alemã Hannah Arendt:

Soam proféticas as palavras do filósofo Jacob Talmon, que, em 1980, em carta aberta a Menahem Begin (identificado por Arendt como o responsável pela infâmia de Deir Yassin, mas que entretantes se tornara primeiro-ministro) admoestava: ‘Procuremos não levar os árabes a sentir que foram humilhados ao ponto de crer que toda esperança seja vã e que o dever deles seja morrer pela Palestina’. Quem lembra isso é uma ilustre jornalista italiana de origem judaica que, escrevendo enquanto grassam a segunda Intifada e a repressão israelense, observa por sua vez: ‘Quem trava uma guerra pela vida e pela morte do povo inteiro tem o direito de recorrer a todos os meios, inclusive o do terror suicida das mulheres camicase ou o dos massacres em campos de refugiados como Jenin’. É uma tomada de posição, por um lado, corajosa (não só procura compreender as razões dos que praticam atentados suicidas, mas, rejeitando toda oposição maniqueísta, fala também de ‘massacres’ israelenses) e, por outro lado, discutível: a situação de um país que dispõe de um exército que está entre os mais fortes do mundo pode ser colocada no mesmo plano de um povo sem Estado, que militarmente não tem nada a opor ao poderio do exército ocupante? (p. 47).

Neste esteio, o fundamentalismo não é característico somente do islã, mas dos próprios judeus como parte integrante do Ocidente. A ponto de certos setores ortodoxos israelenses considerarem o casamento misto fora do judaísmo algo pior do que a experiência de Auschwitz (p. 75), de modo totalmente incoerente com o racismo do qual os judeus foram vítimas em outros lugares e, de modo marcante, na Alemanha nazista.

Mesmo os “campeões da democracia e dos direitos humanos” estadunidenses não são poupados pelo amplo leque de fontes apresentado por Losurdo com seus relatórios em que colocam os outros Estados no “banco dos réus”, mas poupam si próprios pelo seu passado e presente ricos em atrocidades que envergonhariam qualquer defensor sincero de tais causas. A

título de exemplificação, chamam a atenção a experiência do jovem estudante indochinês Nguyen Sinh Cung (futuro Ho Chi Minh), que aportou na América do Norte em 1924 busca de trabalho. O futuro líder norte-vietnamita testemunhou um horroroso e rotineiro linchamento público de um negro (p. 34-35).

Losurdo não hesita em apresentar o nazismo e seus componentes racistas como subproduto da nascente hegemonia norte-americana dos anos 1930 na figura de seu principal intelectual orgânico, Henry Ford. Suas teses racistas e antisemitas, junto com as de outros contemporâneos, foram lidas e explicitamente elogiadas e incorporadas por Hitler e Rosenberg (p. 119-123, 128, 153-4). Tais líderes, dentre outros, tomaram como exemplar as posturas norte-americanas no sentido de privilegiar os brancos e “limpar” negros, asiáticos e índios, pontos recorrentemente encontrados no livro em diversos momentos históricos e discursos de governantes e presidentes estadunidenses, com particular ênfase em Theodore Roosevelt.

No argumento desenvolvido no livro, nenhum povo é apresentado como isento em termos de racismo e massacre de outros povos. Até mesmo os irlandeses, dignos de lembrança de um holocausto levado a cabo pelo jugo inglês, levaram a cabo um trabalho “civilizador” com relação a índios e negros na condição de imigrantes.

Losurdo mostra como gradativamente o processo de branqueamento e ocidentalização moveu a imagem construída em torno do judeu como uma ameaça oriental e tornou-o um bastião ou “cabeça de ponte” do Ocidente e da “civilização” na medida em que Israel se consolidou e atuou como ponta de lança dos Estados Unidos no Oriente Médio. Quem ficou relegado à condição de ameaça por excelência foi o islã.

São centrais no argumento de Losurdo suas definições e distinções sobre os diferentes modos como a linguagem imperial trata suas ameaças.

O terrorismo e seus referenciais, principalmente os de acusação, tornam-no ponto de difícil definição, principalmente se o viés é aquele do conquistador ou detentor do maior poder.

O fundamentalismo, originário ironicamente do meio norte-americano e protestante em particular, evoca dogmaticamente princípios religiosos extremados a fim de legitimar certas ideologias.

O antiamericanismo é apresentado no sentido de demolir o mito do esquerdismo como contrário de modo generalizado (p. 97-100) aos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, Losurdo

recorre, dentre outros, à analogia histórica no sentido de mostrar que aqueles que acusam o antiamericanismo da conjuntura pós-11 de setembro de uma miopia fundada em uma patologia de movimentos de massa. Os defensores desta perspectiva ignoram que os defensores estadunidenses da escravidão delineavam argumento semelhante (p. 115-118).

O antissemitismo é apresentado com exemplos históricos como uma ocorrência pródiga não somente na Europa, como também nos Estados Unidos (p. 119-124). Ao mesmo tempo, o discurso imperial reduz dogmaticamente o deslocamento de tal perspectiva da Alemanha nazista para o Oriente Médio sem atentar para a historicidade e a amplitude de suas manifestações (p. 187-189).

O antissionismo não se constitui em equação de igualdade com antissemitismo. Losurdo mostra a inconveniência histórica de tal equação, recorrendo a exemplos históricos que parecem soar bizarros não fosse pelo desconhecimento por parte do grande público. Neste sentido, cite-se, por exemplo, o fato do acordo instrumental entre nazistas antissemitas e sionistas (defensores do lar judeu para tal grupo) em 1935 que permitiu 20 mil judeus emigrarem para a Palestina com o intuito das autoridades alemãs darem passo significativo na direção da consecução da pureza ariana (p. 161-162).

Por fim, o filoislamismo aborda o caráter superficial da oposição entre islã, judaísmo e cristianismo. Resumindo o argumento histórica e exemplificadamente construído do autor, “ao lado de uma tradição judaico-cristã, havia uma judaico-islâmica. Não falta sequer uma tradição islâmico-cristã” (p. 194).

Para concluir, entendo que pontos claros para o próprio Losurdo sejam dignos de ênfase. A analogia histórica tantas vezes empregada no livro não substitui o exame das particularidades factuais de distintos períodos. Ao mesmo tempo, o caráter ensaístico dos argumentos do autor não isenta de tomar suas interessantes análises como pontos de partida para pesquisas históricas de caráter mais profundo. Até mesmo como uma homenagem ao profícuo e elucidativo historicismo de Losurdo que permite desmistificar e traçar limites àquelas retóricas tão repetidas e consolidadas no âmbito da ideologia imperial estadunidense.

Recebido em fev/2013;

Aprovado em mar/2013